

# Jeanne Lanvin

Jeanne Lanvin (1867-1946), fundadora da Maison Lanvin, foi uma mulher de poucas palavras – uma de suas características mais marcantes. Reservada, procurava manter-se à parte do mundo glamoroso de suas célebres clientes. Para ela, a moda e o amor sempre foram inseparáveis, porque ambos tinham o mesmo foco: Marguerite-Marie-Blanche, sua única filha e musa inspiradora.

Determinada, começou como modista em 1885 e em 1893, aos dezoito anos, instalou-se definitivamente no 22 rue du Faubourg-Saint-Honoré. Com apenas treze anos, quando debutou na moda, foi apelidada de *The Little Omnibus*<sup>1</sup> – pequeno ônibus –, pois, com uma energia sem fim, corria para atender suas clientes com chapéus, vestidos e acessórios em mãos, tudo a pé, para economizar no transporte.

Mme Lanvin era incansável nas suas criações e, com o nascimento da filha, viu surgir uma nova oportunidade de negócio: um departamento de roupas infantis. Desenhou um guarda-roupa inteiro para Marguerite, tornando-se pioneira ao criar vestidos para mãe e filha. Em 1909, já integrava o Syndicat de la Couture, entrando de vez para o seleto grupo das *Maisons de couture*.

Mas não parou por aí. Logo surgiram os departamentos de noivas, lingerie, decoração e esportes e, em 1926, o *menswear*.

Com enorme dedicação, chegou a dirigir mais de mil funcionários e expandiu a marca para Deauville, Biarritz, Barcelona, Buenos Aires, Cannes. Cada coleção apresentava cerca de trezentas peças. Além das europeias, tinha inúmeras clientes americanas. Atenta aos costumes descritos nas novelas do escritor norte-americano F. Scott Fitzgerald (1896-1940), em 1915 viajou a San Francisco e traduziu para as roupas o jeito casual de vestir do Novo Mundo, encantando as suas clientes, que não hesitavam em cruzar o Atlântico a cada novo lançamento. Assim, Mme Lanvin foi pouco a pouco construindo o seu império.

Antecipando-se mais uma vez em muitas décadas, no estilo de modernos designers que uniam estilo & design no décor, convidou, em 1922, o designer Armand Albert-Rateau, a quem havia sido apresentada pelo costureiro Paul Poiret, para decorar a sua loja e posteriormente a sua casa. O trabalho do ousado decorador causou um tremendo impacto pela suntuosidade, que imprimia o luxo do estilo Art Déco e divergia do estilo discreto de Jeanne Lanvin. Mais do que roupas, ela propunha a “arte de viver” para todas as idades. A parceria viria a se prolongar e, para celebrar os trinta anos da filha, em 1927, foi



Retrato de Jeanne Lanvin | *Portrait of Jeanne Lanvin*

Foto | *Photo Jean Moral (1906-1999)*

© SAIF

Fonte | *Source* Palais Galliera, Musée de la mode de la Ville de Paris

<sup>1</sup> BARRILLÉ, Elisabeth. LANVIN. Assouline Publishing, 2006. p.7.



Banheiro e quarto de Jeanne Lanvin  
Jeanne Lanvin's bathroom and bedroom  
Fonte | Source Wikimedia Commons



lançado o perfume “Arpège”, que tem o frasco desenhado por Rateau, o qual mostra mãe e filha dançando, uma ilustração de Paul Iribe que é até hoje o logo da casa e um dos símbolos mais icônicos do império Lanvin.

Jeanne Lanvin tinha uma curiosidade infinita, viajava e produzia  *carnets de voyages*, trazia amostras de tecidos étnicos, queria aprender o *savoir-faire* de diferentes culturas, colecionava arte, criava seus próprios tecidos, motivos e cores exclusivas – isso incluiu uma fábrica de tingimento nos anos 1920 –, mas evitava atrelar seu nome a um estilo e defendia a inspiração do momento. Em 1945, em uma de suas raras declarações, chegou a dizer à *Vogue*: *Depois de muitos anos, meu público gosta de ver em minhas coleções um ‘estilo Lanvin’...entretanto, eu nunca me limitei a um determinado tipo de roupa e nunca enfatizei um estilo específico...Pelo contrário, eu me esforço a cada estação para capturar o imponderável em voga, influenciada pelos acontecimentos, e traduzi-lo, após a minha interpretação pessoal, para uma forma tangível.*<sup>2</sup> Mais tarde, ela declarou: *Eu ajo por impulso e acredito no instinto. Meus vestidos não são premeditados. Eu sou levada pelo sentimento e o conhecimento técnico me ajuda a torná-lo realidade.* Isso mostra o seu desejo de ser ela mesma e de fazer coisas inesperadas, sem se importar com o tempo e buscando inspiração em diversas fontes: num afresco de Fra Angelico, que deu origem ao famoso “azul Lanvin”; em motivos litúrgicos; em temas medievais; no orientalismo; na Praça San Marco em Veneza ou num mosaico bizantino.

A carreira artística de Jeanne Lanvin foi, sem dúvida, diversificada. Apaixonada por teatro, era assídua nos espetáculos parisienses e criou também inúmeros costumes de cena para atrizes como Cécile

Sorel ou Yolande Laffon, além de Yvonne Printemps, atriz extremamente popular nos anos 1920 que teve o seu nome frequentemente associado às criações da estilista. Mme Lanvin foi uma das poucas *couturières*, juntamente com Poiret e Chanel, a criar o figurino completo para um espetáculo, garantindo a harmonia em cena.

Tornou-se uma especialista em bordados e pedrarias, criando uma série de motivos com influências que se misturavam. A margarida, retratada com frequência em suas peças, representava a paixão de Jeanne Lanvin pela filha; nós, folhas e a rosa em estilo Déco também adornavam os seus bordados exclusivos. Um perfeito *savoir-faire* com vestidos clássicos que podem traduzir um estilo século XVIII que dialoga com o Art Déco, suas geometrias em preto e branco e sua profusão de cristais, pérolas e fios de seda.

Uma criadora de peças atemporais, uma *globetrotter*; uma pioneira, mas, sobretudo, uma mulher discreta com códigos de estilo extremamente femininos e sofisticados que despertava o desejo nas mulheres de todas as nacionalidades com os vestidos que criava. Mme Lanvin era dotada de uma forte personalidade.

Jeanne Lanvin também exerceu um papel fundamental na organização do setor de alta-costura nas exposições universais desde 1925. Atuou como vice-presidente do “Pavilhão da Elegância” na Exposição Internacional das Artes Decorativas de Paris e presidiu uma série destas manifestações internacionais sempre com um olhar atento ao estilo Art Déco, ao modernismo e ao surrealismo.

A Maison Lanvin é a mais antiga casa de alta-costura em atividade.



Alber Elbaz (1961)  
Boneca Lanvin | Lanvin doll (470/800)  
Feita pelo artesão Franz | Handcrafted by Franz, 2014  
Porcelana em policromia | Polychrome porcelain  
Coleção particular | Private collection  
Foto | Photo Fifi Tong

<sup>2</sup> BARRILLÉ, Elisabeth. LANVIN. Assouline Publishing, 2006. p.11-12.



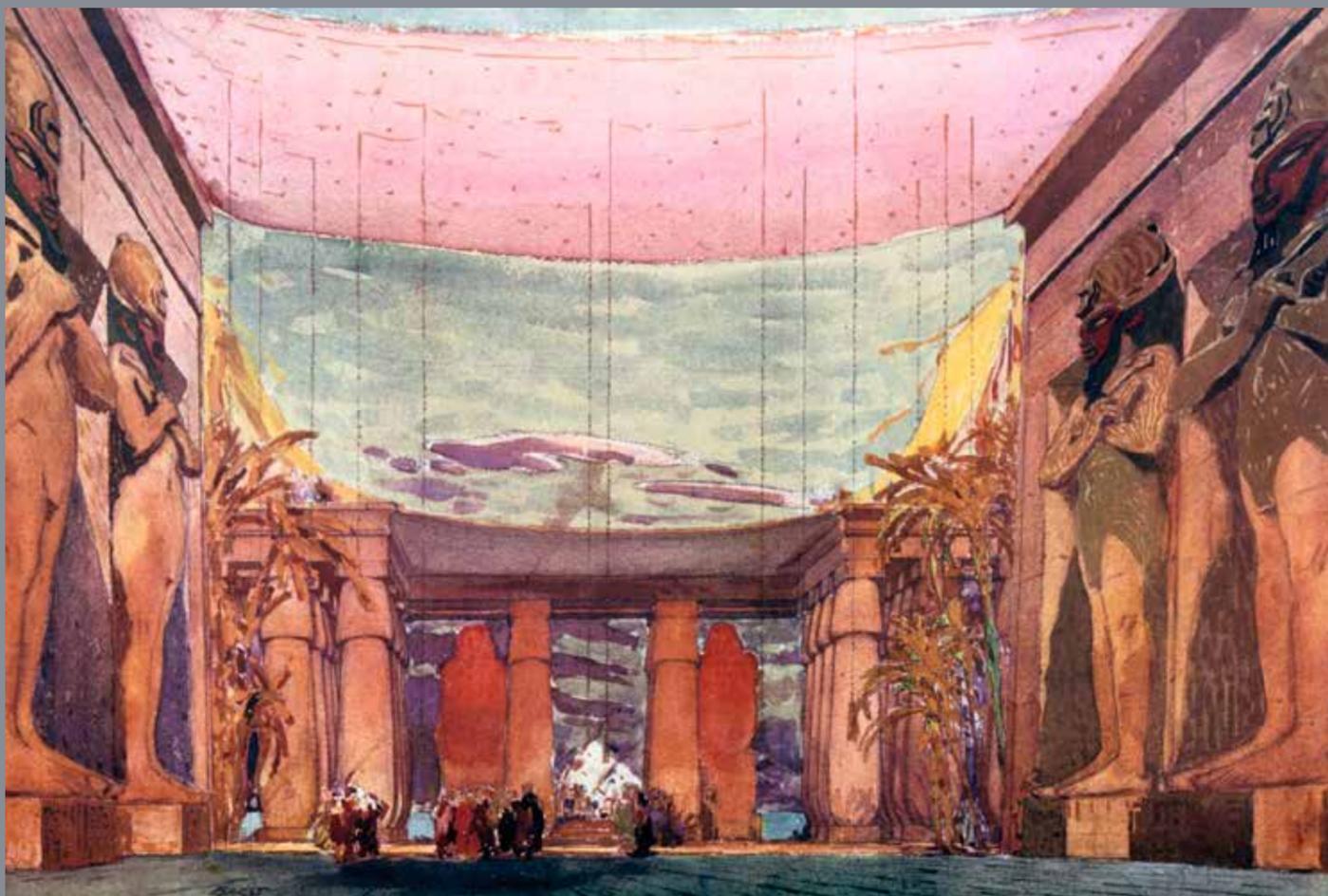
Sonia Delaunay  
vestindo criações da  
Casa Sonia, Madri, c.1918-20  
*Sonia Delaunay wearing Casa Sonia  
creations, Madrid, c.1918-20*  
Fonte | Source Wikimedia Commons

## Sonia Delaunay

**F**igura de vanguarda na Paris dos anos 1920, Sonia Terk (1885-1979) nasceu na Ucrânia, mas foi criada em São Petersburgo pelos tios extremamente cultos, período no qual despertou para a filosofia e para a música e se apaixonou pela arte dos museus europeus que visitou. Depois de estudar pintura na Alemanha, aos 21 anos partiu para Paris em busca da liberdade e se instalou no quartier Montparnasse, conhecido reduto de artistas e intelectuais. Em 1905, sua casa já era ponto de encontro das vanguardas russas. Na Académie de la Palette, encontrou Fernand Léger, descobriu Cézanne no Salon des Indépendents e ficou deslumbrada pelas cores de Vuillard, Bonnard, Van Gogh e Gaughin. As cores que marcam a sua obra, entretanto, são indissociáveis de suas origens russas, evidentes desde as primeiras telas expostas, em 1908, na galeria do alemão Wilhelm Uhde – colecionador de Dufy, Braque, Derain –, com quem foi casada por um ano, antes de encontrar o pintor Robert Delaunay, que se tornaria seu companheiro em 1909. Juntos, os dois artistas se engajaram no caminho da abstração. Em 1913, da amizade com o poeta Blaise Cendrars nasceu a obra – poema-objeto – “La Prose

du Transsibérien et de la petite Jehanne de France”, colorido por Sonia. Ela pintou ainda “Le Bal Bullier”, um dancing do Boulevard Saint-Michel, onde usa pela primeira vez o famoso “Vestido Simultané” com motivos de Arlequim. O casal Delaunay era assíduo do Bullier e, segundo o poeta Guillaume Appollinaire, eram as estrelas do local.

Sonia e Robert criaram uma teoria de contrastes de cores simultâneas, chamada “simultané”, que culminou na abertura da Boutique Simultané, um espaço temporário na ponte Alexandre III em Paris por ocasião da Exposição Internacional das Artes Decorativas em 1925. Entre sapatos, bolsas e moda praia bordados com formas geométricas, os tecidos foram dispostos na vitrine por meio de mecanismos rolantes, uma abordagem quase impensável para a época, criação do pintor Robert Delaunay. O novo métier baseava-se no poder construtivo e dinâmico das cores. Era inspirado na teoria das cores de Eugène Chevreul (1786-1889), dentro do contexto das origens da abstração, e ligado ao dinamismo que caracterizava a era moderna: o desenvolvimento tecnológico e urbano, as invenções no cinema, na aviação, as descobertas de culturas estrangeiras,



**Sonia Delaunay**  
Cenário para o Balé "Cleópatra", Léon Bakst, 1909, Ballets Russes  
*Léon Bakst's set design for the 1909 Ballets Russes production of Cléopâtre*  
Fonte | Source Wikimedia Commons

o esporte, a velocidade. Era uma arte que refletia a vida moderna, a simultaneidade do mundo e que englobava inúmeras criações artísticas – cartazes, moda, tecidos, móveis, arquitetura.

Sonia abriu a sua primeira loja de moda e design, a Casa Sonia, em Madrid, no período entreguerras, quando atraiu uma clientela cosmopolita e burguesa. Foi por meio dos têxteis que sobressaiu nos projetos vanguardistas de unificar as diversas artes. Em Madri, Sonia encontrou Diaghilev, diretor dos Ballets Russes, por intermédio de Nijinsky. Ele logo lhe encomendou os figurinos para "Cleópatra" (1918), uma fusão de arte abstrata com a dança. Disposta a revolucionar a moda e as artes, em 1913, criou o label Ateliers Simultané Delaunay, registrado como marca na França e nos Estados Unidos em 1925.

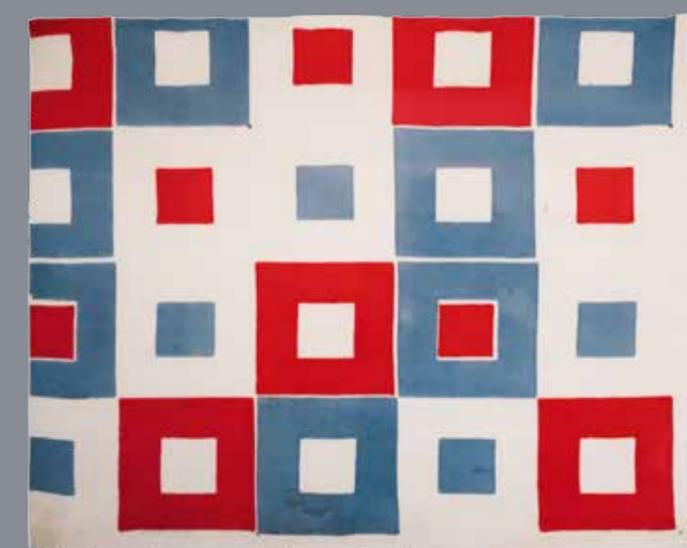
Quando retornou a Paris, montou um estúdio/galeria de arte em casa – 3, rue des Grands-Augustins – similar ao Ateliê Martine, inaugurada em 1911 pelo estilista Paul Poiret, que protagonizava festas orientalistas pra lá de exóticas, inspiradas nos Ballets. Era o sucesso das artes russas que invadiram Paris no início do século XX.

Em 1923, iniciou uma Maison de couture, L'Atelier Simultané, ao lado de seu apartamento, no Boulevard Malesherbes e, no ano seguinte, a Maison Sonia, tornando-se, em definitivo, uma mulher de negócios. Frequenta os locais de artistas dadaístas e surrealistas.

Mas foi a Exposição Internacional das Artes Decorativas, em 1925, que viria a lhe dar uma projeção internacional significativa, quando se uniu ao famoso costureiro, figurinista e fabricante de peles femininas Jacques Heim (1899-1967) para inaugurar a Boutique Simultané, até hoje um dos empreendimentos mais explorados quando se aborda o caráter inovador da artista.

Nesse período, ela também começou a desenhar para a empresa Liberty, de Londres e para a casa de luxo Metz & Co, de Amsterdã, uma parceria que durou trinta anos. Com o crash de 1929 e a crise econômica, o Ateliê Sonia retomou a pintura. Mas, Sonia Delaunay realizou o seu sonho, eliminando as fronteiras entre as artes e proclamando um estilo dinâmico, moderno e democrático de produzir moda, têxteis e objetos de design.

Foi uma das maiores coloristas do século XX e impôs uma linguagem própria na abstração, como sua conterrânea, a multiartista Natalia Goncharova (1881-1962) e a pintora sueca Hilma af Klint (1862-1944), uma das precursoras do abstracionismo. As criações espontâneas e artesanais de Sonia Delaunay trazem o forte contraste das cores de suas origens ucranianas.



**Sonia Delaunay**  
Tecido de tafetá com desenho geométrico, 1924  
*Taffeta with geometric design, 1924*  
Fonte | Source Wikimedia Commons

# Coco Chanel

**C**hanel representa para a moda o que Picasso representou para a pintura quando, em 1907, apresentou a seus amigos a obra “Les Demoiselles d’Avignon”.

Considerada uma das personalidades marcantes do século XX na França, ao lado de Picasso, Charles de Gaulle e Jean Cocteau, Chanel foi uma das estilistas mais inovadoras e apaixonadas de seu tempo. Independente, elegante e perspicaz, soube fazer dos acontecimentos de sua vida uma fonte de inspiração, transformando a sua produção em autobiográfica.

Ela não apenas libertou a mulher dos espartilhos — façanha protagonizada também pelo estilista Paul Poiret —, mas alinhou a sua moda aos novos padrões estéticos que surgiam nas artes e na arquitetura da época. Exímia observadora e crítica voraz dos costumes, soube captar as mudanças sociais no início do século XX, quando a mulher assumiu um novo papel e precisava trabalhar. Criou roupas mais esportivas, até para satisfazer os seus desejos, já que cavalgar era uma de suas predileções.

Se pensarmos bem, tudo que usamos hoje tem a ver com Chanel. A moda não existe somente nas roupas. *A moda está no ar, nas ruas. Moda tem a ver com ideias, com a maneira que vivemos. Moda é o que*

*está acontecendo*<sup>1</sup>, declarou Mademoiselle. Impulsionada também pela avidez de aprender, estava sempre em companhia de artistas e pintores, transitando entre a vanguarda das artes e das letras.

Sem abrir mão da feminilidade, ao tirar os excessos das roupas, acrescentou acessórios, como bolsas, flores, bijuteria, joalheria e sapatos, a maioria entre as décadas de vinte e trinta, que acabaram se tornando a sua forte marca de estilo.

Contagante e com certa arrogância, Chanel se reinventou e se promoveu mundo afora. Fez questão de ser a modelo de suas próprias criações. Via na cópia de suas roupas uma confirmação de que estas tinham ido além de uma simples moda, incorporando o seu próprio estilo — um aspecto que só atesta a sua modernidade e poder de sedução.

Em seus looks, há fortes traços do estilo Art Déco, com cortes mais retos, tendências cubistas e futuristas. Chanel simplificou as formas e chegou a confessar a Salvador Dalí que o que fez toda a sua vida foi simplesmente transformar roupas masculinas em femininas, pois acreditava que assim davam uma sensação de poder.

A androginia estava no ar. Em 1922, foi lançado o polêmico romance de Victor Marguerite, “La garçonne”, cujo personagem principal é a rebelde



Coco Chanel, 1936  
Foto Photo Roger Viollet  
© Alamy Stock Photo



Monique L'Herbier, que, desiludida com o seu namorado, sai em busca de independência e liberdade, desafiando a família. A protagonista corta os cabelos, usa roupas simples, vai trabalhar como decoradora, experimenta drogas e envolve-se com outra mulher, causando espanto na época. A comparação com Coco foi inevitável.

Chanel era também uma consumidora voraz de livros. Encontrou na literatura uma forma de enriquecer o seu espírito, e diversas heroínas lhe serviram de inspiração: Antígona, Catarina di Medici, Joana D'Arc, Emma (Madame Bovary).

Ousou também, ao criar em 1921, com a colaboração do perfumista do czar Ernest Beaux, o seu primeiro perfume, Chanel N° 5, nomeando-o como os famosos aviões da época. Números significavam estabelecer recordes e calcular lucros. Havia números nas telas dos pintores cubistas Picasso e Braque, e a influência das obras dadaístas com letras e números: Tristan Tzara lançara seu manifesto em 1918. Além disso, a sobriedade e a geometria severas do perfume

também estavam associadas aos produtos masculinos. Os trabalhos na Rue Cambon, 31 jamais se iniciavam sem que seu ateliê e provadores fossem totalmente perfumados. Chanel afirmava sempre que, para uma mulher estar totalmente elegante, ela deveria estar usando um perfume.

A simplicidade e a funcionalidade permearam seus modelos, mas sempre com uma aura de sofisticação. Começou sua carreira em 1909, vendendo chapéus. Teve a colaboração de Étienne Balsan, oficial da cavalaria, e o apoio financeiro de Boy Capel, seu grande amor. Desde então, seu estilo informal despertou o interesse de atrizes, poetisas e cantoras como Émilienne d'Alençon, Cécile Sorel e Sarah Bernhardt, que acabaram divulgando as suas primeiras produções. Acreditava que o luxo residia no conforto. E, para tanto, o jersey foi uma de suas maiores contribuições.

Em 1917, conheceu e se tornou a melhor amiga de Mísia Sert, pianista e musa de pintores como Renoir e Vuillard. Mísia introduziu Chanel em seu círculo de amigos, que incluía grandes artistas: Igor Stravinsky, Pablo Picasso, o poeta Pierre Reverdy e o Conde Étienne de Beaumont, patrono das artes e conhecido por promover os bailes de máscaras mais cobiçados de Paris. O Conde de Beaumont a iniciou nas rodas da alta aristocracia. Mísia a apresentou a Sergei Diaghilev, empresário dos Ballets Russes, numa viagem a Veneza. Logo, Chanel resolveu financiá-lo para a apresentação da "Sagração da Primavera". Entre as colaborações dos Ballets, Chanel produziu o figurino para a ópera-balé "Le Train Bleu" (1924), com libreto feito por Jean Cocteau e música de Darius Milhaud, mais um cenário de praia cubista feito por Henri Laurens e cortina teatral de Picasso. Os trajes foram baseados nas suas coleções, com o predomínio do jersey. Em 1920, envolveu-se com o compositor russo Igor Stravinsky, que lhe deu aulas de música e contou sobre a vida na Rússia.



Sapato bicolor Chanel | *Two-tone shoe*, 2016  
Couro de novilho | *Calfskin*  
Coleção particular | *Private collection*  
Foto | *Photo Alain Mingam*



Bolsa matelassé | *Quilted bag*, 2012  
Classic Flap Karl Lagerfeld 1980  
Couro de novilho e metal prateado | *Calfskin and silver metal*  
Coleção particular | *Private collection*  
Foto | *Photo Fifi Tong*

Camélias | *Camellias*, 2006  
Maison Lemarié, Métiers d'Art, Chanel  
Algodão | *Cotton*  
Coleção particular | *Private collection*  
Foto | *Photo Alain Mingam*



Tailleur de três peças Chanel, jersey de lã branca debruado com jersey marinho e colar  
 (Chanel three-piece suit, white wool jersey featuring navy jersey stitching and necklace)  
 Vogue Francesa, março, 1958 (French Vogue, March 1958)  
 H558T  
 Chanel Maison de Couture [marca (brand)]  
 © Direitos reservados (All rights reserved) Clarke Henry (1918-1996)  
 © ADAGP, Paris

Na praia do Lido, em Veneza, lançou mais uma moda: as calças brancas, com blusa preta de jersey, as espadrilles e os colares. O banho de sol e os cabelos curtos já faziam parte do cotidiano desta nova mulher, livre e independente. No entreguerras, viria também o vestido preto, que virou símbolo da mulher chique.

Mas foi do romance com o grão-duque Dimitri Pavlovich, neto do czar Alexandre II, que surgiu a influência russa nas suas criações: casacos enfeitados com passamanarias, chemisiers, blusas e túnicas, adornadas com miçangas e pérolas. Ele a presenteou com colares de pérolas, correntes de ouro, cruzeiros com rubis e esmeraldas. Ela viajou com Dimitri para Veneza, onde ele lhe mostrou as joias bizantinas e as cruzeiros de Malta, posteriormente traduzidas na joalheria criada em parceria com o Conde Fulco di Verdura. A irmã de Dimitri, a grã-duquesa Maria Pavlovna, dirigiu um estúdio de bordados para Chanel, mas Pavlovna logo abriu o Ateliê Kitmir, e desde o princípio Mademoiselle foi sua cliente.

Chanel seguiu buscando ideias no seu dia a dia. Em 1923, encantou-se pelo Duque de Westminster e não hesitou em inspirar-se nas roupas da tripulação de seu barco e nos suéteres usados nas ilhas geladas da Inglaterra para criar boinas, calças brancas de seda, cardigãs e a primeira versão do tailleur.

A trajetória de Chanel ficou marcada por duas etapas: a primeira encerra-se em 1939 com a invasão alemã. Em 1953, reabriu sua loja no antigo endereço e, no ano seguinte, com uma confiança inabalável, lançou uma nova coleção, confirmando o tailleur do início de sua carreira como uma de suas peças ícones. Mademoiselle Chanel criou roupas e cenários elegantes, e sua vida transformou-se numa lenda. Morreu em 1971, aos 88 anos, e continua sendo o símbolo do estilo moderno do século XX.



Cinto Chanel, 2016  
 Metal dourado, pérolas brancas e strass | Golden metal, white pearls and rhinestones  
 Coleção particular | Private Collectionz  
 Foto | Photo Alain Mingam



Perfume Chanel N° 5, 2012  
 Coleção particular | Private Collection  
 Foto | Photo Fifi Tong



Émile Colonne como Créon na *Antígona* de Honegger em sua estreia em 28 de setembro de 1927 no Théâtre Royal de la Monnaie em Bruxelas. Música de Arthur Honegger, libreto de Jean Cocteau, figurinos de Coco Chanel, cenários de Pablo Picasso. *Émile Colonne as Créon in Honegger's Antigone at the premiere on 28 September 1927 at the Théâtre Royal de la Monnaie in Brussels. Music by Arthur Honegger, libretto by Jean Cocteau, costumes by Coco Chanel, sets by Pablo Picasso.*  
 Fonte | Source Wikimedia Commons



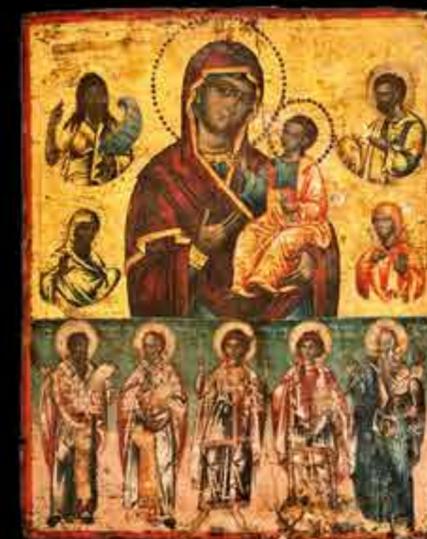
Gabrielle Chanel vestida de marinheiro, 1928. Autor desconhecido. *Gabrielle Chanel in a sailor top, 1928. Unknown author.*  
 Fonte | Source Wikimedia Commons



Dmitri Pavlovich da Rússia e Coco Chanel, 1920  
*Dmitriy Pavlovich of Russia and Coco Chanel*  
Autor desconhecido  
*Unknown author*  
Fonte | *Source* Wikimedia Commons



Autor desconhecido | *Unknown author*  
"Scene de Cour Chevalheresque", 1890-1910 ca.  
Óleo sobre madeira | *Oil on wood*, 71 × 57 × 8 cm  
Coleção particular | *Private collection*  
Foto | *Photo* Carlos Custódio



Autor desconhecido | *Unknown author*  
Ícone religioso russo, século XIX | *Russian icon, 19th century*  
Óleo sobre madeira | *Oil on wood*, 33,5 × 27,5 × 4 cm  
Coleção particular | *Private collection*  
Foto | *Photo* Carlos Custódio

— Próxima página | *Next page*  
Vista da exposição  
*Exhibition view*  
Foto | *Photo* Fifi Tong

## Coco Chanel

Chanel foi uma das estilistas mais inovadoras de seu tempo. Independente, elegante e perspicaz, soube fazer dos acontecimentos de sua vida uma fonte de inspiração. Alinhou a moda aos novos padrões estéticos da época. Crítica voraz dos costumes, captou as mudanças sociais quando a mulher assumiu um novo papel e precisava trabalhar. Criou roupas mais esportivas. Se pensarmos bem, tudo que usamos hoje tem a ver com Chanel.

Sem abrir mão da feminilidade, ao tirar os excessos das roupas, acrescentou acessórios, como bolsas, flores, bijuteria, joalheria e sapatos que acabaram se tornando uma forte marca de estilo. Simplificou as formas e confessou a Salvador Dalí que o que fez toda a sua vida foi transformar roupas masculinas em femininas. Ousou ao criar, em 1921, seu primeiro perfume, Chanel No 5.

A simplicidade e a funcionalidade permearam seus modelos, mas sempre com uma aura de sofisticação. Começou vendendo chapéus, em 1909. Desde então, despertou o interesse de atrizes, poetisas e cantoras. Acreditava que o luxo residia no conforto. E o jérsei foi uma das maiores contribuições da estilista.

Em 1917, conheceu e se tornou a melhor amiga da pianista Misia Sert. Misia introduziu Chanel em seu círculo de amigos, que incluía grandes artistas. Apresentou Mademoiselle a Diaghilev, numa viagem a Veneza, e ela logo resolveu financiá-lo. Na praia do Lido, lançou mais uma moda: as calças brancas, com blusa preta de jérsei, as espadrilles e os colares. O banho de sol e os cabelos curtos já faziam parte do cotidiano desta nova mulher, livre e independente. Veneza também a inspirou para produzir as joias bizantinas.

No entreguerras, viria ainda o vestido preto, o básico do estilo chique. Chanel seguiu buscando ideias no dia a dia. Em 1923, criou boinas, calças brancas de seda, cardigãs e a primeira versão do tailleur. Em 1953, confirmou essa peça como um de seus ícones definitivos. Faleceu em 1971, aos 88 anos, e continua sendo o símbolo do moderno.



# Café Society –bailes e salões nos anos 1920 e 30



Luisa Casati como a Imperatriz  
Teodora em um baile à fantasia em Roma, 1905  
Luisa Casati as Empress Theodora at a costume ball in Rome  
Fonte | Source Wikimedia Commons

O Café Society evoca um mundo cosmopolita que reuniu aristocratas, artistas, estilistas, coreógrafos e músicos num clima de magia e fascinação nos anos 1920 e 30. O movimento teve início em Paris, no início do século XX, seu auge ocorreu nos anos 1930 e seu fim na Nova York de Andy Warhol.

Os grandes bailes de máscaras reinavam nesse período. Os membros rivalizavam no esplendor das festas, na beleza das casas, no tamanho dos iates e na ostentação das joias ou do guarda-roupa, todos expostos pelas revistas de moda Vogue e Harper's Bazaar.

A imprensa era um dos motores dos eventos, construindo a moda, a reputação dos costureiros, dos artistas e criando mitos. Fotógrafos como Cecil Beaton, Horst P. Horst e Baron de Meyer fizeram os registros mais emblemáticos deste *lifestyle*. As modelos eram as mulheres da alta sociedade. Grandes mecenas alimentaram os talentos mais originais do século. Picasso, Jean Cocteau, Salvador Dalí, Coco Chanel, Elsa Schiaparelli e os bailarinos dos “Ballets Russes” foram alguns dos protagonistas desta elite cultural que influenciou a história do gosto. Os *hôtels particuliers*, em Paris, e os Palácios Venezianos serviram de fundo para as festas do Café Society.

Alguns personagens, entretanto, sobressaíram nesta elite cultural, seja pela sofisticação de suas

festas palacianas, como o Conde Étienne de Beaumont, um precursor dessa sociedade burguesa, apaixonado pelas vanguardas; seja pela personalidade excêntrica, como a Marquesa Luisa Casati, uma verdadeira *trendsetter* dos anos 1920 e musa inspiradora de inúmeros designers até hoje.

No Brasil, o círculo requintado de intelectuais, artistas plásticos, poetas e políticos que se reuniam para os salões, *soirées* e almoços, em Higienópolis – São Paulo, na residência de Paulo Prado (1869-1943), tinha o mesmo espírito destes eventos. Prado foi um dos patrocinadores da Semana de Arte Moderna de 1922. Descendente de uma das famílias mais tradicionais de São Paulo, foi cafeicultor, investidor, escritor e mecenas. Passava temporadas em Paris, onde mantinha uma vida social intensa com brasileiros e franceses: Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars, Albert Gleizes. Estabeleceu ainda um elo importante com as vanguardas europeias e trazia para São Paulo as novidades culturais parisienses.

O papel dos mecenas é significativo nessas rodas. Acima de tudo, essas pessoas gostavam de exibir a sua vida e as suas paixões, exaltando o gosto pela decoração, pela aparência, pelas artes e pela moda. A elegância e a arte de viver prevaleciam para o prazer de alguns e a felicidade de todos.



Etienne de Beaumont, 1923  
Fonte | Source Wikimedia Commons

# Misia Sert

## – a “Rainha de Paris”

**E**ssência da mulher da Belle Époque, Misia Godebska/Marie Sophie Olga Zenaide Godebska (1872-1950), conhecida como a “Rainha de Paris”, era pianista e apaixonada pela vida mundana. Pertencia a uma família aristocrática polonesa e foi uma figura central na vida artística parisiense. Acolheu salões memoráveis. Foi uma das mulheres mais liberais de sua época e mecenas de vários dos mais proeminentes escritores, pintores e músicos da virada do século XX. Foi retratada por Toulouse Lautrec, Renoir, Vuillard, Bonnard e Vallotton, e caracterizada como a Princesa Yourbellethief na literatura de Proust – “Em Busca do Tempo Perdido”.

Lendária no mundo musical, culta e anfitriã incansável do círculo artístico, Sert foi confidente do empresário Sergei Diaghilev. A música era o maior elo entre os dois, além do caráter implacável e das origens russas. Misia nasceu em São Petersburgo. Os dois exerceram também funções importantes em revistas de vanguarda: Misia na “La Revue Blanche”, de seu primeiro marido, o empresário, jornalista e colecionador Thadée Nathanson (1868-1951), e Diaghilev na “Mir Iskusstva” (Mundo da Arte). Ele foi um dos fundadores e editor-chefe da publicação em 1899. A elegância era habitual para eles. Misia usava Worth e Paquin, e Diaghilev as famosas camisas Charvet, marca de luxo que vestia reis, príncipes e chefes de Estado.

Em 1905, Misia casou-se com o magnata da imprensa francesa, fundador do jornal “Le Matin” em 1884, Alfred Edwards (1856-1914), mas, em 1909, eles se

divorciaram e Edwards assumiu o romance com a amante, a belíssima atriz e ícone de moda Geneviève Lantelme (1883-1911).

A vida de Misia mudou quando, em 1908, encontrou o pintor espanhol José Maria Sert (1874-1945), com quem viria a se casar em 1920. Com ele expandiu a sua influência na vida artística parisiense. Sert a introduziu no círculo vanguardista de Diaghilev. Ela logo se uniu à Condessa de Greffulhe e à Princesa de Polignac e as três se tornaram as maiores patrocinadoras dos “Ballets Russes”. Misia era capaz de comprar todos os lugares livres de uma apresentação e distribuir para os amigos. Foi o esforço destas mulheres que garantiu a primeira temporada de espetáculos do grupo em Paris. O sucesso da nova Companhia foi estrondoso, e a casa de Misia virou o quartel general dos Russos: os pintores Léon Bakst (1866-1924) e Alexandre Benois (1870-1960) e os bailarinos Tamara Karsavina (1885-1978) e Vaslav Nijinsky (1889-1950).

Protetora e amiga inseparável de Diaghilev, dava apoio moral e financeiro aos Ballets. Sábia, incentivou também desde o início a colaboração de Diaghilev com os artistas franceses que admirava: Ravel, Debussy e Jean Cocteau, a qual se concretizou a partir de 1912. Patrocinou a produção de “L’après-midi d’un faune” (1912), inspirado na obra do poeta Mallarmé (1842-1898), de mesmo nome, e na composição de Debussy (1862-1918), bem como de “Le Sacre du Printemps” (1913), dois espetáculos encenados pelo então estreante Nijinsky. Já para a realização de “Parade” (1917), Misia reuniu a nova



geração de criadores: Debussy, Ravel, Erik Satie (autor da música), Jean Cocteau (autor dos poemas), Picasso, Marie Laurencin, entre outros.

Misia foi perseverante no incentivo às artes. Como declarou Chanel – sua grande amiga e admiradora, mas, ao mesmo tempo, crítica de seu comportamento – ao escritor Paul Morand (1888-1976), *ela representava todas as mulheres e todas as mulheres estavam reunidas em Misia.*

Misia Sert com seu cachorro em um café em Veneza, 1947  
*Misia Sert, with her dog at a café in Venice, 1947*  
Foto | Photo Horst P. Horst/Conde Nast  
Coleção | Collection Conde Nast  
© Getty Images



Félix Vallotton, Édouard Vuillard, Cipa Godebski, Alexandre Natanson, Marthe Mellot,  
Thadée Natanson e Misia Natanson (Misia Sert), ca. 1898  
Foto | *Photo* Louis-Alfred Natanson (1873-1932)  
Fonte | *Source* Wikimedia Commons

# O Art Déco e os “Anos loucos”



**Georges Lepape** (1887-1971)  
*Le miroir rouge – Mlle Spinelly | The Red Mirror, Ms. Spinelly, 1914*  
Pochoir  
Coleção particular | Private collection  
Foto | Photo Fifi Tong

O fim da guerra foi marcado por uma onda de exuberância e euforia. Movimentos de vanguarda se espalhavam por toda a Europa: fauvistas e cubistas na capital francesa, futuristas na Itália e construtivistas na Rússia. É também um dos momentos de maior efervescência intelectual na “Cidade Luz”.

O Art Déco – nome que se originou da Exposição Internacional das Artes Decorativas e Modernas, realizada em Paris em 1925 – é um estilo moderno que conheceu seu auge no entreguerras e deixou a sua marca nas artes plásticas, na arquitetura, no design de interiores, nos têxteis, no cinema, na fotografia, na moda, na joalheria e na publicidade. A inspiração veio de diversas fontes: do orientalismo, dos animais e flores da China e do Japão, das artes africanas e persas, do Egito e de motivos tradicionais russos.

A expansão do estilo Déco se dá num contexto de um enorme avanço tecnológico quando os olhares se voltavam para as novidades. Acontecia o desenvolvimento da produção em série dos bens de consumo, e a qualidade crescente dos anúncios publicitários, focada em criar a demanda, visava seduzir o consumidor potencial, estimulando a sua imaginação. O design estava por toda parte.

Paul Poiret foi um dos primeiros costureiros a apresentar o estilo Art Déco. O seu interesse pelos trajes orientais, difundidos pelos Ballets Russes em Paris a partir de 1909, o conduziu a estabelecer os princípios da roupa moderna.

Contudo, uma de suas maiores contribuições foi vincular a moda às artes, reunindo artistas talentosos em seu ateliê. Em 1908, contratou o ilustrador Paul Iribe e, em 1911, Georges Lepape para realizar os seus álbuns de luxo impressos em um papel especial, com base em técnicas japonesas refinadas. Este método inovador trouxe uma mudança radical na relação do designer com o ilustrador e o início de uma nova era que culminou nas ilustrações Art Déco.

Inúmeras revistas surgiram neste período: *Modes et manières d'aujourd'hui* (1912), *Le journal des dames et des modes* (1912), *Vogue – Inglesa* (1916), *Vogue – Francesa* (1923), entre outras. Mas foi a *Gazette du Bon Ton* (1912) que apresentou a maior colaboração entre ilustradores, costureiros e editores. A publicação, fundada por Lucien Vogel (1886-1954), especializou-se em revelar novos talentos. Vogel era filho do pintor e ilustrador Hermann Vogel e cresceu entre artistas. Empregou um grupo de jovens da École des Beaux Arts, a quem deu total liberdade para interpretar a moda e a vida social da época. Com o apoio das maiores casas de alta-costura (Poiret, Chéruit, Doeuillet, Lanvin, Doucet, Redfern e Worth), a *Gazette* ficou conhecida pelos conteúdos de moda e publicidade de altíssima qualidade, tornando-se uma das revistas mais importantes desse ramo.

Entre os artistas que se destacaram nestas revistas estão: George Barbier (autor do símbolo da pantera de Cartier), Robert Bonfils (criador do cartaz da Exposição de 1925, em Paris), Pierre Brissaud,



Capas Vogue, Les Éditions Condé Nast, 1921  
 Ilustrações de Helen Dryden  
 Vogue covers, Condé Nast Editions  
 Illustrations by Helen Dryden  
 Coleção particular | Private Collection  
 Foto | Photo Alain Mingam

André Marty, Charles Martin, Martha Romme, Helen Dryden, Gerda Wegener e outros. Wegener foi uma mulher à frente do seu tempo. Foi pioneira ao questionar as construções de gênero. Gerda ilustrou para a Vogue, *La Vie Parisienne* e se especializou em retratos femininos e eróticos, enfatizando o poder da mulher. Seu reconhecimento atingiu o ápice em 1925, e ela chegou a ser premiada na Exposição Universal das Artes Decorativas.

Nos primeiros anos da Vogue, todas as capas eram desenhadas. O fundador da revista, o editor americano e magnata da comunicação Condé Montrose Nast (1873-1942), foi um grande incentivador

desta arte. Os anos 1920 foram marcantes para as ilustrações de moda, e somente a partir dos anos 1930 que a fotografia começou a ganhar mais espaço.

O período também foi marcado pelo protagonismo feminino no mercado de trabalho, acelerando a liberação de antigos padrões. As revistas ditavam a moda para uma mulher emancipada e moderna que havia cortado os cabelos (*à la garçonnette*), fumava em público, dirigia, pilotava aviões, usava roupas esportivas, vestidos mais curtos, calças compridas e priorizava o conforto.

Ao mesmo tempo, no mundo dos espetáculos, a ousadia da cantora e estrela do music hall

Josephine Baker (1906-1975), que chocou ao subir ao palco com os seios cobertos apenas por colares e uma saia de bananas, e da atriz e modelo Louise Brooks (1906-1985), com o seu look andrógino, foi a expressão vivaz deste grito de liberdade. Os movimentos feministas e as reivindicações pelo voto cresciam.

“Paris era uma festa”, ao som do Jazz e do Charleston, e a cidade embalada pelas vanguardas mundiais subvertia de vez os velhos costumes. Os “Anos Loucos” e a felicidade estavam definitivamente declarados: nos cabarés, nas “brasseries” (cervejarias) e nos cafés de Montparnasse, para o mundo.



**Gerda Wegener**  
*Robe à danser pour une jeune personne de 16 à 18 ans, 1914.*  
Costumes Parisiens, 165  
Coleção particular | Private Collection  
Foto | Photo Alain Mingam



Gerda Wegener e Einar Magnus Andreas Wegener, 1924  
Autor desconhecido | Unknown author  
Fonte | Source Wikimedia Commons



Josephine Baker com a Saia Banana. Produção Folies Bergère, "Un Vent de Folie", 1927  
Josephine Baker in Banana Skirt from the Folies Bergère production "Un Vent de Folie", 1927  
Foto | Photo Walery (1863-1929)  
Fonte | Source Wikimedia Commons



Louise Brooks, 1900  
Foto | Photo Bain News Service, Publisher. Library of Congress, Washington D.C., EUA  
Fonte | Source Wikimedia Commons

# Elsa Schiaparelli

**E**m 1927, Elsa Schiaparelli (1890-1973), com o incentivo do amigo e também estilista Paul Poiret, de quem era fã incondicional, abriu a primeira boutique em Paris: *Schiaparelli pour le sport*. A admiração, inclusive, era mútua, e Poiret a presenteou com vários vestidos. Nascida em Roma e sobrinha do famoso astrônomo Giovanni Schiaparelli, com quem estudou os céus, viveu cercada de arte e cultura. Sua mãe era uma aristocrata, descendente dos Duques da Toscana, e o pai, um intelectual e colecionador de manuscritos asiáticos, comandou a biblioteca do magnífico Palazzo Corsini – um palácio barroco próximo ao Vaticano, em Roma, onde chegaram a morar.

Schiap sempre teve na memória as referências do passado, e a paixão pelo mundo artístico foi claramente traduzida no seu fashion statement.

A rivalidade com Coco Chanel virou emblemática, e a comparação com Miuccia Prada, pela postura revolucionária e subversiva, inevitável.

Schiaparelli e Chanel foram símbolos da efervescência cultural dos anos pré-guerra, e ambas patrocinaram, encorajaram e contrataram artistas talentosos e mundialmente renomados. Elas foram essenciais para a sociedade parisiense da época, *le tout Paris*. Com um papel inovador no círculo da

moda, tornaram-se as representantes da business-woman livre do século XX. Aliás, essa função foi claramente assumida pela não menos ousada e engajada Miuccia Prada, a partir dos anos 1970.

Sempre ligada aos artistas de sua época, Elsa fez inúmeras colaborações. Era amiga de Marcel Duchamp, Francis Picabia, Tristan Tzara, Man Ray, Alfred Stieglitz, Jean Cocteau, Christian Bérard, Giacometti, Picasso e Salvador Dalí, que descreveu o seu ateliê nos anos 1930 como *the beating heart*<sup>1</sup> da Paris Surrealista. Ela acreditava que a moda não podia estar desvinculada da evolução das artes plásticas contemporâneas.

Foi no surrealismo que encontrou a sua fonte de inspiração. Trabalhou com Dalí inúmeras vezes, resultando na criação de coleções exóticas: o chapéu em forma de sapato, a bolsa-telefone, o tailleur-escrivãzinha com bolsos em forma de gaveta e o icônico vestido Lagosta usado pela Duquesa de Windsor, um dos mais conhecidos.

Foi em 1927 que apresentou a sua primeira coleção de pulôveres esportivos com forte influência Art Déco, com motivos geométricos e efeito *tromp-l'oeil*, um grande sucesso. Além de suas criações sempre impactantes, ela inovou nos materiais utilizados em

<sup>1</sup> "Schiaparelli And Prada: Impossible Conversations", Metropolitan Museum of Art, New York, May 10-August 19, 2012.p.28



Retrato de Elsa Schiaparelli, 1935  
Portrait of Elsa Schiaparelli, 1935  
Paris, Bibliotheque des arts decoratifs  
© Alamy Stock Photo

suas roupas, como o zíper, o crepe de seda, o plástico e o celofane. Pela primeira vez, os zíperes ficaram aparentes na alta-costura.

Sempre na vanguarda, desafiou o corte reto dos anos 1930 e produziu looks com casacos e tailleurs de cintura marcada e ombros largos, que caracterizariam a moda até o chamado "New Look", antecipando a *power woman* dos anos 1980.

Schiaparelli trouxe as cores vivas para as suas criações, um choque para a época, mostrando uma evidente sintonia com Poiret. Criou um tom de rosa pink forte e o batizou de "shocking", o seu rosa-choque. A cor foi usada por ela em chapéus e em longas capas bordadas. "Shocking" também foi o nome dado àquele que viria a ser o seu perfume mais conhecido, lançado em 1937. O frasco tinha a forma do corpo da então famosa atriz de cinema Mae West, que per-

sonificava a ousadia do estilo Schiaparelli. Foi desenhado pela artista argentina Leonor Fini, a quem Elsa foi apresentada pelo então galerista Christian Dior, em 1933. Posteriormente, Fini desenhou uma série de modelos para Elsa Schiaparelli, publicada na revista Harper's Bazaar em 1939-40. Em 1935, na edição de julho da Bazaar, uma ilustração do pintor holandês Kees Van Dongen (1877-1968) – "La Femme aux Étoiles" – que retrata uma capa com capuz batizada de "Vénetienne" – (veneziana), da coleção alta-costura outono 1935, imortalizou a criação da estilista. A capa foi confeccionada com um tafetá de seda amassada – Simoun – da Bianchini, exclusividade de Schiaparelli. No período, Carmel Snow, editora-chefe da Bazaar, e sua correspondente em Paris, Daisy Fellowes, eram admiradoras e vestiam frequentemente as roupas de Elsa.

Estampou a capa da revista *Time* na edição de 13 de agosto de 1934. Foi a primeira designer de moda a obter esta honraria.

Lançou coleções inspiradas na fantasia. Foi pioneira em coleções temáticas, sendo uma das mais icônicas a coleção "Le Cirque", com cavalos, elefantes e acrobatas no trapézio, bordados em muitas peças. Os boleros, por exemplo, tinham botões de cabeça de palhaço e o chapéu tinha forma de sorvete. Utilizando bordados e cores fortes, fez ainda a coleção "Astrologique" em 1938, na qual se destacava uma luxuosa capa com enormes signos do zodíaco bordados em ouro, assim como o motivo "Phoebus" – um sol radiante sobre um tecido rosa-choque – num magnífico trabalho de Lesage. Abordou também temas como a música, o fundo do mar e a "Commedia dell'Arte", que inspirou as capas com losangos de veludo.

A Maison, que ficou fechada durante sessenta anos, foi reaberta em 2014 no mesmo endereço em que Schiaparelli começou – 21, Place Vendôme.



Tailleur de lã bouclé de Elsa Schiaparelli, botões de bronze dourado de François Hugo, 1938/39  
Modelo de Alberto Giacometti. Vestido de Marlene Dietrich. Berlim, Coleção Marlene Dietrich.

*Bouclé wool suit by Elsa Schiaparelli, golden bronze buttons by François Hugo, 1938/39. Model by Alberto Giacometti. Marlene Dietrich's Dress. Berlin, Marlene Dietrich Collection*

Foto | Photo Joe Mabel



À direita, vestido de noite de Elsa Schiaparelli de 1937, de Guendolen Carkeek Plestcheeff de Seattle, exposição "Seattle Style: Fashion/Function", 2019 Museum of History and Industry, South Lake Union, Seattle, Washington, EUA. Atrás, à esquerda, outro vestido de Schiaparelli, ca. 1951, de Ruth Schoenfeld Blethen Clayburgh, também de Seattle

*On the right: Guendolen Carkeek Plestcheeff's (from Seattle) evening dress by Elsa Schiaparelli, 1937*

*Exhibition "Seattle Style: Fashion /Function" (2019), Museum of History and Industry, South Lake Union, Seattle, Washington, USA. Behind, on the left, another dress by Schiaparelli, c. 1951, belonging to Ruth Schoenfeld Blethen Clayburgh, also from Seattle.*

Foto | Photo Joe Mabel

# Carmen Miranda

## – o estilo tropical

**C**armen Miranda (1909-1955) é a primeira artista multimídia do país, um símbolo da mulher brasileira e pioneira em trazer o olhar internacional para a moda tropical. Personificou a alegria do universo carioca do samba e disseminou uma imagem visual moderna única. Nasceu em Portugal e veio para o Brasil com um ano de idade. Desde cedo, mostrou intimidade com os palcos. Deixou a Escola Santa Teresa, na Lapa, no Rio de Janeiro, onde cresceu e foi trabalhar em uma loja de roupas e gravatas. Confeccionava chapéus. Com o seu carisma, logo conquistou uma clientela elegante para quem, muitas vezes, cantava. Porém, sempre sonhou em fazer cinema.

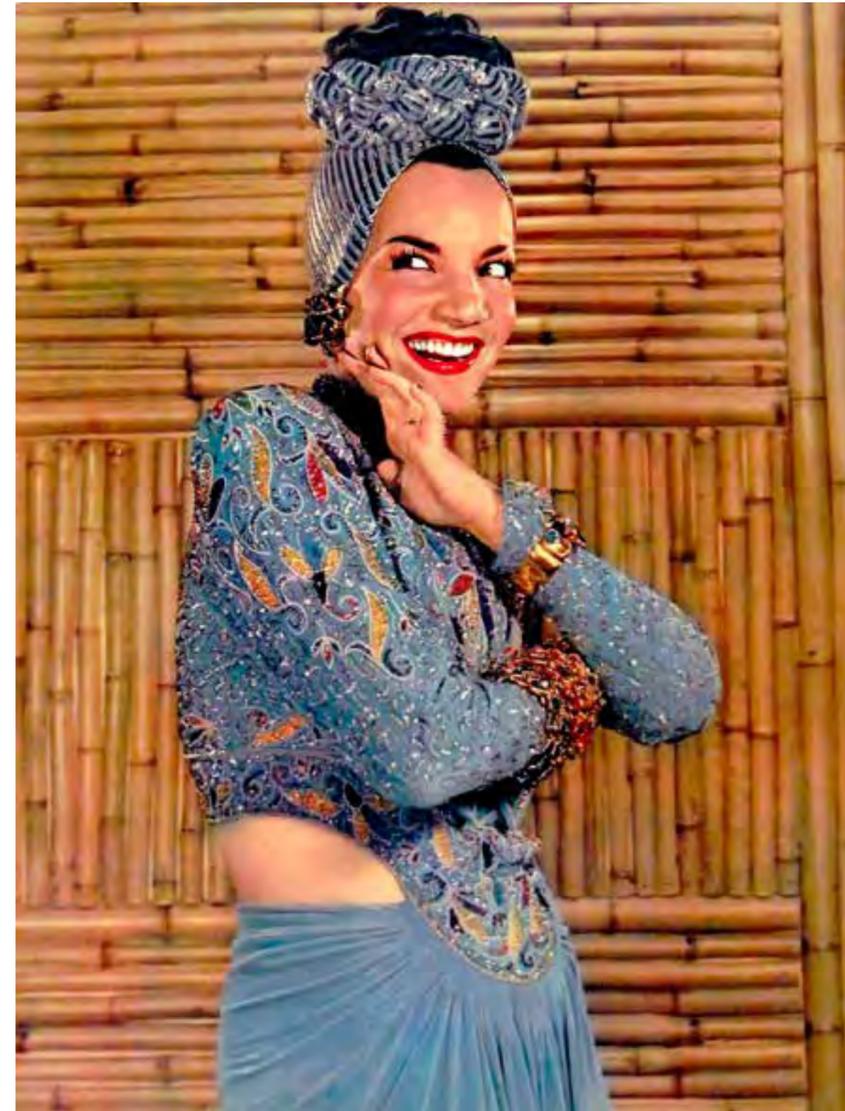
Em 1926, foi finalmente descoberta no Instituto Nacional de Música. Em 1930, lançou seu primeiro disco e, logo, virou um enorme sucesso. Ficou conhecida em toda a América do Sul até que chegou à Broadway, em 1939, após ter sido contratada pelo empresário Lee Schubert (1871-1953). Ele assistiu a um show dela na Urca e se encantou com a sua performance e trajes exóticos, que ela mesma criava, desenhava e costurava. *Vocês verão que sou cantora e tenho ritmo*, disse Carmen em Nova York, terra dos musicais. Somente naquele ano, participou de mais de 400 shows. Apelidada pelos nova-iorquinos de “Bombshell”, ditou moda e suas fantasias de baiana – do filme “Banana da Terra” – se espalharam rapidamente pelas vitrines da 5ª Avenida, tomando o lugar de grandes grifes como Chanel e Christian

Dior. Criou o “Miranda Look”, marcado pelo uso do turbante, sensação nos anos 1940 e adotado em massa no rigor da II Guerra. Frutas na cabeça, saias longas e rodadas, babados, muitos colares e as famosas plataformas de até 18 cm, que alongavam a sua silhueta. O designer italiano Salvatore Ferragamo foi o criador da meia-pata para ela e outras divas do cinema. Produzido por Alceu Penna (1915-1980), o famoso traje de carnaval de baiana teve origem nessa década. Desenhista e figurinista, Penna contribuiu para renovar a imagem de Carmen Miranda e colaborou com o figurino da artista.

Estilistas resgatam com frequência o look tropicalista da cantora com muitas estampas, bordados, rendas e saias com tops cropped. No Brasil, Alexandre Herchcovitch, Ronaldo Fraga, Salinas e Rosa Chá já se inspiraram na artista. Prada, Dolce & Gabbana, Jean Paul-Gaultier e Stella McCartney são algumas das grifes internacionais que também já a homenagearam.

Em Nova York, Carmen frequentou a casa de personalidades, como o mecenas e coreógrafo chileno Marquês de Cuevas (1885-1961) e a socialite Grace Vanderbilt (1870-1953), e assim encantou William S. Paley (1901-1990), presidente da CBS (Columbia Broadcasting System), o pintor Salvador Dalí e o Duque De Verdura. Para estas ocasiões, estava sempre impecável e nunca economizou nas joias.

O enorme sucesso levou a “Pequena Notável” com seus balangandãs para Hollywood, onde se tornou uma estrela. Quando retornou ao Brasil, após ter



sido aclamada pelo povo, foi acusada de estar “americanizada” por ter cantado suas músicas em inglês. Desiludida, foi novamente para os Estados Unidos e permaneceu até 1954.

De volta ao Rio de Janeiro, hospedou-se no Copacabana Palace para se recuperar da vida frenética a que se submetia para cumprir uma agenda cada vez mais exigente de espetáculos no mundo todo. Desta vez, conseguiu refazer-se de sua mágoa com o país, que finalmente a acolheu com todo o reconhecimento merecido. Morreu aos 46 anos, transformando-se em um dos maiores mitos do show business.

Carmen Miranda  
Foto publicada no New York Sunday  
News em 1941  
Photo of Carmen Miranda published  
by the New York Sunday News in 1941

# Christian Dior

**F**oi em Granville, cidade-balneário conhecida como a Mônaco do norte, onde Christian Dior (1905-1957) passou a sua infância, na villa “Les Rhumbs”. Construída no final do século XIX, o nome se deve ao termo náutico que designa as trinta e duas divisões da rosa dos ventos. A residência foi adquirida pelos pais de Dior em 1906 e possui um jardim de inverno, um imenso parque e um jardim florido em frente ao mar, no topo de uma falésia. Nesse jardim nasceu a paixão do estilista pelas flores e, sobretudo, pela rosa, sua favorita. Alguns anos mais tarde, em Paris, durante um passeio, ao encontrar por acaso no chão uma estrela misteriosa, Dior decidiu abrir sua maison, vendo o ocorrido como um sinal do destino.

Personagem chave da história da moda no século XX, desde a ousada coleção lançada em 1947, nomeada “Corola” e logo batizada de “New Look”, Christian Dior pôs fim à linha de moda simplificada e funcional disseminada por Gabrielle Chanel. Buscando inspiração no passado, fez renascer a Belle Époque, acompanhada das imagens que trazem os matizes vaporosos do pintor Watteau e uma opulência com a qual consolidou o seu reino na alta-costura e que a moda retoma periodicamente quando a insatisfação prevalece. O “eterno retorno ao eterno feminino” trouxe uma silhueta que evoca a cultura do ballet clássico.

Subvertendo todas as referências do período da guerra, decidiu apagar o rumo à moda masculina, traçado por Chanel, e, a partir de uma aliança com



Tailleur Bar, 1947  
Bar suit  
Dior Héritage  
Foto | Photo Pat English

o magnata dos tecidos Marcel Boussac, relançou a indústria têxtil, empregando longas metragens de tecido. Renovou a tradição da couture na França e inventou uma moda internacional que reafirmou o papel de Paris como capital da moda.

Apesar do apreço que tinha pela música e pela pintura, foi impedido por seus pais de seguir uma carreira artística. Porém, vale lembrar que, antes da moda, a direção de uma galeria com o amigo e comerciante de arte Jacques Bonjean (1899-1990) de 1928 a 1934 fez parte do seu currículo. Entre as mostras inéditas na Rue la Boétie, 34, no 8º arrondissement, estavam a surrealista Leonor Fini (1908-1996), homenageada por Maria Grazia Chiuri em 2018 e a quem Monsieur Dior ofereceu a primeira exposição solo.

Segundo Maria Grazia, Fini encarnou as mulheres fortes dos anos 30. Além de Fini, Alexander Calder (1898-1976), Alberto Giacometti (1901-1966), Georges Braque (1882-1963), Giorgio De Chirico (1888-1978), Max Ernst (1891-1976), Pablo Picasso (1881-1973), Raoul Dufy (1877-1953), Pavel Tchelitchew (1898-1957) e Salvador Dalí (1904-1989). Este último colaborou com a produção de um dos looks para o desfile de Christian Dior no MASP – Museu de Arte de São Paulo, em 1951. Incentivado pelo diretor-fundador do museu, Pietro Maria Bardi (1900-1999), foi o primeiro no espaço de um museu brasileiro.

Seis diretores artísticos o sucederam e construíram um nome que hoje representa a alta-costura na França e no mundo: Yves Saint Laurent, Marc



Desfile 1947, N° 30, Avenue Montaigne  
Fashion Show, 1947, N. 30 Avenue Montaigne  
Dior Héritage  
Foto | Photo Pat English

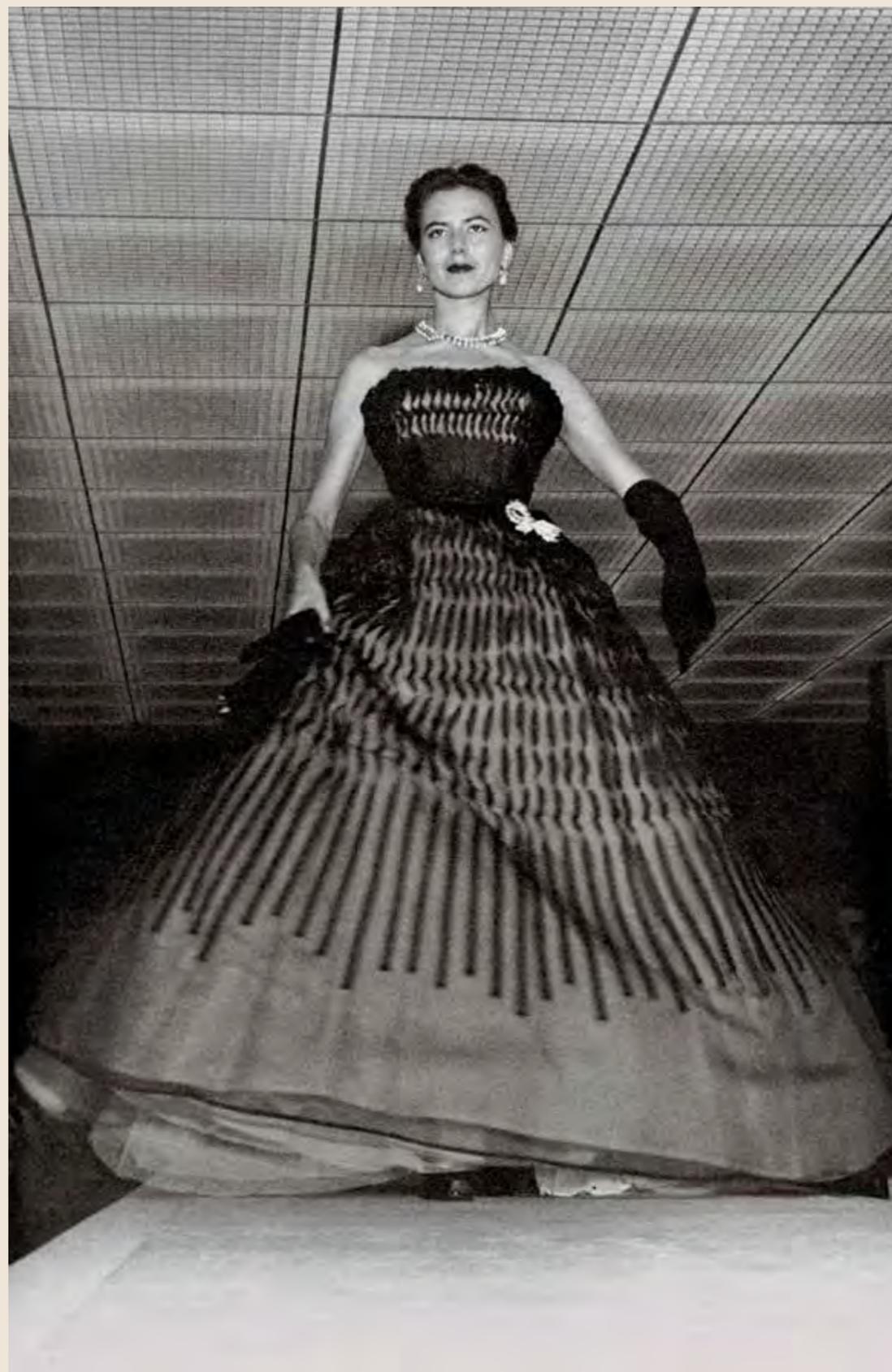


Trajes de Christian Dior  
Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
Autoria desconhecida  
*Christian Dior outfits – “Costumes Antigos e Modernos”*  
*(Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951*  
*Unknown author*  
Acervo | *Collection* Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
de São Paulo Assis Chateaubriand



Pietro Maria Bardi, Lina Bo Bardi e Paulo Franco  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
 Autoria desconhecida  
 Pietro Maria Bardi, Lina Bo Bardi and Paulo Franco  
 (Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951  
 Unknown author  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
 de São Paulo Assis Chateaubriand

Bohan, Gianfranco Ferré, John Galliano, Raf Simons e atualmente Maria Grazia Chiuri formam o time de criadores da Maison. Mas a permanência do espírito de Christian Dior foi mantida após a morte súbita do estilista em 1957. O *tailleur Bar* – o nome evoca o bar do Hotel Plaza Athénée, frequentado pelas mulheres do Café Society –, silhueta emblemática do “New Look”, e as temáticas criativas continuam servindo como *leitmotifs*, para todos os designers que deram seguimento à visão da alta-costura do fundador da casa: a arte e a fotografia, a profusão de cores e texturas, a elegância parisiense, o décor neoclássico, o exotismo e as flores.



Traje de Christian Dior  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
 Autoria desconhecida  
 Christian Dior outfit – “Costumes Antigos e Modernos”  
 (Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951  
 Unknown author  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand



Vestido de Christian Dior (esquerda) e modelo de traje antigo (direita)  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
 Autoria desconhecida  
*Christian Dior dress (on the left) and old costume model (on the right)*  
*"Costumes Antigos e Modernos" (Ancient and Modern Costumes) Fashion Show*  
*at MASP, 1951*  
 Unknown author  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
 de São Paulo Assis Chateaubriand



Lina Bo Bardi e Paulo Franco  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
 Autoria desconhecida  
*Lina Bo Bardi and Paulo Franco*  
*(Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951*  
 Unknown author  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
 de São Paulo Assis Chateaubriand



Traje "Costume do ano de 2045", criação de Salvador Dalí  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
 Autoria desconhecida  
*Costume for the year 2045, by Salvador Dalí*  
*(Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951*  
 Unknown author  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
 de São Paulo Assis Chateaubriand



Traje de Christian Dior  
 Desfile Costumes Antigos e Modernos no MASP, 1951  
*Christian Dior outfit - "Costumes Antigos e Modernos"*  
*(Ancient and Modern Costumes) Fashion Show at MASP, 1951*  
 Foto | Photo Peter Scheier (1908-1979)  
 Acervo | Collection Centro de Pesquisa do Museu de Arte  
 de São Paulo Assis Chateaubriand



A prova de uma das "toiles" (protótipos) no processo de elaboração da coleção Haute Couture  
The test of one of the "toiles" (prototypes) in the process of creation of the Haute Couture collection

## Gérard Uféras fotografias – Ateliê Dior

Fotojornalista com carreira brilhante, Gérard é um dos grandes fotógrafos franceses de moda, já recebeu uma série de prêmios, incluindo o World Press Photo – Artes e Entretenimento (1996). O trabalho deste instigante fotógrafo é composto por exposições, retratos, publicações para jornais, livros e revistas.

Gérard Uféras debutou na fotografia aos oito anos, fascinado pela coleção de máquinas fotográficas de seu pai. Mas foi a descoberta de Henri Cartier-Bresson por André Kertész e Willy Ronis que o despertou para a fotografia como expressão artística. Gérard é um dos gestores do patrimônio cultural de Ronis (1910-2009), de quem se tornou grande amigo. Willy Ronis ficou famoso pelas imagens humanistas e poéticas de Paris no pós-guerra.

Há inúmeras histórias na trajetória de Uféras, entre elas o privilégio de ter fotografado os ateliês Dior. Estes registros resultaram no livro "Dior 30, avenue Montaigne", publicado em 2012, com textos do jornalista Jérôme Hanover, Éditions Terre Bleue, e desvendam a rotina criativa da Maison. O olhar apurado de Uféras surpreende pela sensibilidade com que capturou no *hôtel particulier* de Christian Dior o espírito e a elegância que eternizaram o DNA do couturier. Tendo em mente o revolucionário "New Look", de 1947, ele imprimiu a sua percepção contemporânea da mítica casa francesa.

O backstage da alta-costura, do primeiro esboço de um vestido ao desfile da nova coleção, do trabalho das *petites mains* (pequenas mãos – os artesãos dos ateliês), durante as provas nos manequins, do shape de uma perna longilínea à beleza refinada de uma modelo: Gérard conta que se apaixonou pelos ateliês criados por Monsieur Dior em 1946 e mergulhou nos veludos e tafetás, andando pelo meio de bustos mágicos e plissados encantadores, clicando tudo minuciosamente. Discreto, trabalhou durante várias semanas entre aqueles que criam e moldam a moda. A alta-costura que, em geral, só é descoberta nas passarelas, teve o testemunho de Uféras em todo o processo de uma coleção. Exímio observador, enfocou toda a arte do trabalho manual, mostrando e contando a história dos tecidos, dos materiais, do brilho e do esplendor da couture.

Em 1984, Uféras começou a trabalhar para o jornal *Libération* e é membro da Agência francesa Rapho, desde 1993. Apaixonado pela música e pelo teatro, cruzou a Europa e aterrissou em Nova York fotografando o *behind the scenes* de óperas e ballets por 20 anos.

O trabalho de Uféras hoje faz parte de importantes coleções, como a *Maison Européenne de la Photographie*, em Paris; a Biblioteca Nacional da França; a National Gallery, de Londres; o Salzburg Festival, na Áustria; a Henkel Collection, na Alemanha; e a House of Photography, em Moscou.



As "toiles" vão e vem, dos ateliês do 5º andar para o estúdio de criação do 1º andar, no Nº 30, avenue Montaigne

"Toiles" come and go, from the workshops on the 5<sup>th</sup> floor to the creative studio on the 1<sup>st</sup> floor, at No. 30, avenue Montaigne



Momento de descanso da modelo de prova no estúdio de criação. Frequentemente, a modelo deve ficar por longo período de tempo com os sapatos de salto alto durante as extensas sessões de ajustes dos vestidos

Moment of rest of the test model in the creative studio. Often, the model must stay for a long time with high-heeled shoes during long sessions for adjustments of a dress



Após o ajuste das "toiles", os tecidos escolhidos vão para os ateliês de bordado antes da confecção final do vestido

*After the "toiles" are adjusted, the chosen fabrics are taken to the embroidery studios before the final production process of the dress*



Quando o processo de ajuste da "toile" termina, é necessário reproduzir as medidas sobre os moldes, que permitirão que o vestido seja feito com os tecidos escolhidos pelo criador

*When the "toile" adjustment process is finished, it is necessary to reproduce the measures on the molds, which will allow the dress to be made with the fabrics chosen by the designer*

As "petites mains" (artesãs do ateliê) que passaram semanas trabalhando na coleção, desde o primeiro desenho, passando pelas etapas sucessivas das "toiles", às etapas finais, estão impacientes para verem os seus vestidos nas modelos que logo irão desfilam

*The "petites mains" (artisans of the studio) who spent weeks working on the collection, from the first draft, going through the successive stages of the "toiles", to the final stages, are anxious to see their dresses on the models, who will soon be on the catwalk*



O desfile que será apresentado à imprensa e aos clientes acontecerá, este ano, no prédio histórico da avenue Montaigne, 30. Muitas semanas antes da apresentação, um exército de pessoas prepara o desfile

*The fashion show that will be presented to the press and customers will take place at the historic building on avenue Montaigne, 30 this year. Many weeks before the presentation, an army of people is preparing the show*



Após longas semanas, o trabalho finalmente terminado será apresentado ao público: há uma grande euforia no "backstage," pois o desfile é o ápice da tensão

*After long weeks, the work, finally finished, will be presented to the public: there is great euphoria in the backstage, because the fashion show is the peak of tension*



*Uma modelo aproveita um momento de descanso antes da corrida do desfile*  
*A model enjoys a moment of rest before the rush of the show*



Momento de descanso no "backstage" do desfile em Xangai. A espera é, frequentemente, longa e o salto alto é, às vezes, doloroso para as costas

*Moment of rest in the backstage of the fashion show in Shanghai. The waiting time is often long, and the high heels are sometimes painful for the back*

Depois de ser apresentada em Paris,  
a coleção será apresentada em Xangai  
*After being presented in Paris, the collection  
will be presented in Shanghai*



Próxima página | *Next pages*  
A coleção Haute Couture pronta é  
apresentada aos clientes no salão  
privado do N° 30, avenue Montaigne  
*The Haute Couture collection is ready and  
it is presented to customers in the private  
salon of N. 30, avenue Montaigne*

O ateliê de alta-costura com suas  
"toiles" (protótipos) durante a  
elaboração da coleção  
*The test of one of the "toiles" in the process  
of creation of the Haute Couture collection*







Toile (protótipo) do look 33 | Toile of look 33  
Coleção Alta-costura primavera-verão 2012  
Haute Couture Spring/Summer 2012 Collection  
Algodão | Cotton  
Christian Dior Couture  
Fotos | Photos Alain Mingam



Vestido vermelho | *Red dress*  
Coleção Alta-costura primavera-verão 2012  
*Haute Couture Spring/Summer 2012 Collection*  
Design Bill Gayten  
Seda, poliamida e polyester | *Silk, polyamide and polyester*  
Christian Dior Couture  
Foto | *Photo Alain Mingam*